



O Caso do Espião sem Cara

J. Edgar Hoover
Diretor do Bureau Federal de
Investigação dos E.U.A.

FM JANEIRO de 1954, uma placa do lado de fora do velho edifício da Rua Fulton, 252, em Brooklyn, Nova York, anunciava um nôvo inquilino: Emil R. Goldfus, fotógrafo. Os clientes que subiam aos seus alojamentos no quinto andar encontravam um homem de uns 50 anos. Tinha cabelos ralos e grisalhos, media 1,78 m de altura e era de compleição média. A fisionomia era dessas que não chamariam a atenção no meio da multidão, salvo se alguém olhasse diretamente para os olhos penetrantes por detrás dos óculos de aros de tartaruga.

Não fôra um pequeno descuido, o importante agente soviético poderia ainda estar em atividade em Nova York— uma história verdadeira de mistério, extraída dos arquivos do FBI

Os clientes não tinham razões de queixa da qualidade do trabalho de Goldfus; êle era um fotógrafo de real competência. O que não podiam saber os que lhe visitavam o estúdio era que aquêle local tão modesto abrigava uma coleção escolhida do moderno equipamento de espionagem. Além de um potente rá-

Condensado de "This Week Magazine"

dio de ondas curtas, havia blocos para mensagens cifradas, câmaras e filmes para produzir fotografias microscópicas, e mais um curioso sortimento de objetos de aparência inocente: canetas, lápis, abotoaduras, um pincel de barba, parafusos comuns, cada qual com uma cavidade. Eram êstes objetos úteis para esconder e transportar pequenos pedaços de microfilmes que continham segredos roubados, ardentemente desejados pelos patrões de Goldfus.

É evidente que Goldfus não era o verdadeiro nome do fotógrafo. Tratava-se do Coronel Rudolf Ivanovich Abel, habilíssimo espião do Serviço de Segurança do Estado da União Soviética, que vinha dirigindo uma rede de espionagem nos Estados Unidos desde a sua entrada clandestina, via Canadá, em 1948. Os seus subordinados conheciam-no apenas como "Mark". A sua atividade era tão discreta que o FBI desconhecia a existência de Mark—até o momento em que foi atingido pelo castigo justo.

Quem serviu de instrumento para êsse justo castigo a Abel foi o Tenente-Coronel Reino Hayhanen, também do Serviço de Segurança do Estado Soviético e que chegara aos Estados Unidos como espião em fins de 1952. De 1954 em diante, trabalhara sob as ordens de Mark. Por fim, em abril de 1957, Hayhanen fôra sumariamente chamado a Moscou. Deixara o seu trabalho de ser satisfatório para os seus supe-

riores? Embora fôsse impossível prever o que o esperava na Rússia, Hayhanen, que tinha 37 anos e pertencia ao serviço secreto soviético desde 1939, sabia o que acontecia aos agentes que caíam em desagrado.

A certa altura, durante a sua viagem marítima rumo à França, Hayhanen chegou a uma decisão. Foi diretamente à Embaixada Americana em Paris e disse: "Sou funcionário do serviço secreto soviético. Nestes últimos cinco anos venho trabalhando nos Estados Unidos. Agora, necessito da ajuda dos senhores."

O preço de tal ajuda é confessar e cooperar. Hayhanen não teve dúvidas em fazer tanto uma coisa quanto outra. Tomou o avião de volta para Nova York e, no dia 10 de maio, foi ouvido por agentes do FBI. O que êle relatou pôs os agentes em dezenas de pistas diferentes. A nossa principal preocupação era descobrir Mark com a maior presteza possível. A descrição que Hayhanen fizera dêle não se ajustava a qualquer dos agentes soviéticos existentes naquela época em nossos arquivos. Hayhanen não sabia onde Mark morava ou trabalhava.

A missão de Hayhanen nos Estados Unidos fôra a de informar sôbre tôdas as novas instalações militares e de recrutar agentes entre os grupos de origem estrangeira. O seu nome de código era "Vik" e em geral entrava em comunicação com Mark deixando as suas mensagens numa série de esconderijos em Nova York: um lampião no Parque Fort

Tryon; um varal de gradil na Sétima Avenida, perto da Ponte Macombs, e vários lugares no Central Park em Manhattan e no Prospect Park em Brooklyn. Os dois faziam marcas de giz num certo gradil de Central Park para avisarem-se mutuamente quando e qual esconderijo devia ser visitado.

O primeiro encontro de Hayhanen com Mark verificara-se num cinema em Long Island. Hayhanen recebera instruções para usar uma gravata de listras azuis e vermelhas e para fumar cachimbo. Mark falou com êle e, depois disso, ambos tiveram vários encontros—em estações do *subway* ou em ruas movimentadas.

Hayhanen falou-nos de uma mensagem que êle escondera e que poderia ter-lhe acarretado graves conseqüências. Durante algum tempo, êle e Mark haviam usado como esconderijo um buraco existente num lance de escada no Prospect Park. O buraco fôra anotado pelos empregados do parque e, pouco depois de Hayhanen haver deixado ali uma mensagem, uma turma de conservação fechou a cavidade com cimento. Se tivessem feito uma limpeza preliminar, teriam encontrado um parafuso ôco, no qual se escondia um fragmento de microfilme.

Como Hayhanen não recebera uma resposta a essa mensagem, julgava que ela não chegara a ser recolhida. Quando escavamos o remendo de cimento no dia 15 de maio de 1957, os nossos agentes en-

contraram um parafuso ôco de cinco centímetros de comprimento e seis milímetros de diâmetro, que continha a resposta de Mark:

“Ninguém compareceu ao encontro, nem a 8 nem a 9, apesar de ter sido informado. Por quê? Devia a pessoa estar do lado de dentro ou de fora? Não convinha a hora? O lugar parece bom. Peço verificar.”

Dentro em pouco, os nossos interrogatórios revelaram o único êrro de Mark, que nos devia conduzir ao chefe dos espões. Uma noite, quando Hayhanen tivera urgente necessidade de material fotográfico, Mark o levava a uma sala em Brooklyn, onde êle guardava o seu material. Onde era? Hayhanen não se lembrava do enderêço, mas a sala ficava no quarto ou quinto andar e o prédio era situado, segundo julgava, em algum ponto das ruas Fulton ou Clark.

Os agentes se espalharam por essa zona e em breve as suas pesquisas se concentraram no número 252 da Rua Fulton, onde o fotógrafo Goldfus tinha o seu estúdio no quinto andar. Mas o estúdio estava fechado. Os agentes souberam por intermédio de outros inquilinos que Goldfus desaparecera em fins de abril—mais ou menos à época em que Hayhanen estava em viagem para a França.

Era muito provável que Goldfus fôsse o homem que procurávamos e, assim, uma rêde de vigilância foi estabelecida nas vizinhanças do prédio. No dia 28 de maio os agentes

viram um homem, que correspondia à descrição que Hayhanen fizera de Mark, sentado num banco de jardim bem em frente ao prédio da Rua Fulton. Dava a impressão de que estava esperando alguém. Às 18h e 50m, foi-se embora. Os agentes resolveram não segui-lo. "Se fôr Mark, voltará", pensaram êles.

A área foi vigiada durante duas semanas, ao mesmo tempo que se faziam visitas diárias a todos os esconderijos, bem como ao gradil de Central Park. Não houve mensagens. Por fim, às 22 horas de 13 de junho, a turma de vigilância viu a luz acender-se no estúdio de Goldfus. Às 23h e 52m a luz apagou-se e daí a pouco um homem parecido com aquêle que haviam observado no banco do jardim saiu pela porta. Dessa vez foi seguido através da Rua Fulton até à estação do trem subterrâneo, e, daí, num trem até Manhattan. Quando saltou, os agentes lhe seguiram a pista até ao Hotel Latham, na Rua 28 Leste. Uma fotografia de Goldfus, tirada com uma máquina oculta, foi mostrada a Hayhanen. "Encontraram-no", confirmou êle. "É Mark."

Goldfus estava hospedado no Hotel Latham sob o nome de Martin Collins. Durante oito dias foi mantido sob vigilância, enquanto os agentes verificavam os pontos duvidosos da investigação. Por fim, no dia 21 de junho, foi prêso pelo Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos com um mandado, sob a acusação de entrada

clandestina no país e por não ter registro como estrangeiro.

O quarto de Abel, no hotel, continha muitos outros instrumentos do seu ofício de espionagem, inclusive vasos de fundo falso e documentos de identidade falsos. Nem nessa época nem depois, revelou êle coisa alguma das suas atividades secretas. Mas confessou que era Rudolf Ivanovich Abel e cidadão soviético. Foi processado como espião e julgado por um tribunal federal em outubro de 1957. A acusação principal foi: conspiração para transmitir à União Soviética informações referentes à defesa dos Estados Unidos. O Tenente-Coronel Reino Hayhanen foi uma das principais testemunhas contra o seu ex-chefe.

No dia 25 de outubro o Júri apresentou o seu veredicto: culpado de todos os itens da acusação. A 15 de novembro, Abel foi condenado a servir 30 anos numa prisão federal. Houve apelação, mas, a 28 de março de 1960, a Suprema Côrte confirmou a sentença.

Um descuido—levar Hayhanen à Rua Fulton—pusera a perder todos os crimes perfeitos cometidos por Abel. Sem êsse fiapo de orientação para guiar as nossas pesquisas, êle poderia prosseguir indefinidamente com as suas traiçoeiras atividades. Mas o que aconteceu foi que, apenas 41 dias depois de sabermos da sua dissimulada existência, havíamos pegado na armadilha o Coronel Rudolf Ivanovich Abel—mestre da espionagem.